



## ASPECTOS FISIAGRÁFICOS DA PLANÍCIE FLUVIAL DO RIO BANABUIÚ NO TRECHO MORADA NOVA - LIMOEIRO DO NORTE-CE.

COSTA, C.A.<sup>1</sup>; CAVALCANTE, A.A.<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Ceará – UECE /Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos- FAFIDAM, Graduando em Geografia, [cleuton Almeida@yahoo.com.br](mailto:cleuton Almeida@yahoo.com.br);

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Ceará – UECE /Profa. Ms. Curso de Geografia da FAFIDAM/UECE, [a\\_cavalcante@uece.br](mailto:a_cavalcante@uece.br).

### RESUMO

Estudar a dinâmica morfológica dos rios pressupõe uma avaliação sobre os processos de erosão, transporte e deposição de materiais que variam de acordo com a combinação dos elementos formadores da paisagem. De modo específico, “o conjunto das formas, e cada forma entre si, representa a interação dinâmica entre o material do leito e o fluxo da corrente. Assim, a forma nunca é inteiramente independente do fluxo” (BIGARELLA, 2003). Isso revela que alterações bruscas no regime de vazões de um rio pode levá-lo à busca de novas configurações e novas formas de equilíbrio, fato que deve ser considerado quando tratamos de rios situados em regiões semi-áridas, ou seja, áreas de forte irregularidade pluviométrica. As alterações morfológicas fluviais atuais tem sido alvo de grande preocupação, dada a aceleração desses processos que acabam refletindo na própria sociedade. O crescimento da exploração dos recursos naturais nos remete a refletir como a ocupação dessas planícies vem acontecendo, já que o desenvolvimento de atividades em torno dessas áreas tem alterado a dinâmica natural desses ambientes. Entender como se processa a dinâmica morfológica fluvial, levando em consideração a ocupação intensiva das margens do rio Banabuiú, nas adjacências de Morada Nova, tanto pela agricultura irrigada como pelo adensamento urbano, constitui o objetivo dessa pesquisa. A área foi dividida em três células de análise, mediante a avaliação de fotografias aéreas (1958 e 1988) e imagens de satélite (2002), tendo sido levantados, em cada uma delas, dados de topografia de três seções transversais e de formas de usos. Para Penteadó (1980), todo rio promove erosão regressiva, ou seja, escavação do canal fluvial a partir de sua foz em direção a cabeceira, sendo o oceano seu nível de base geral de erosão. No entanto, afluentes possuem o rio principal como nível de base de sua erosão regressiva. Nesse sentido, é importante ressaltar que o desaparecimento, na década de 1990, de um trecho do rio Jaguaribe situado à montante da área de confluência deste com o rio Banabuiú, poderá alterar o nível de base de erosão deste último, promovendo a migração de sua foz, e, conseqüentemente, levando-o à procurar novas condições de equilíbrio. De modo geral, as alterações morfológicas na área refletem uma dinâmica natural que se agrava em áreas pontuais, onde o uso torna-se cada vez mais intensivo, devido à multiplicação dos projetos de agricultura irrigada.

Palavras-chave: morfologia fluvial, formas de uso e Banabuiú-CE.